

Literatura erótica na Amazônia: as marcas do homoerotismo no conto *Cachorro doido*, de Haroldo Maranhão

Nellihany dos Santos Soares¹

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo discutir o conto “Cachorro Doido”, publicado na obra *Jogos Infantis* (1986) do escritor paraense Haroldo Maranhão, analisando, nele, o homoerotismo e a autoafirmação masculina. A obra em questão se deixa enganar por um título que não tem nada de infantil, apresentado por uma epígrafe um tanto quanto provocante, erótica, e que sugere e insinua o que virá nas páginas que seguem, atizando a curiosidade do leitor. Composto por quinze contos que denotam narrativas de iniciação sexual, o autor não economizou na descrição das cenas e no comportamento picante de suas criaturas, pelo contrário, usou e abusou das palavras para que pudesse trazer à tona o comportamento sexual de seus jovens personagens (praticamente crianças), expondo momentos de muita intimidade e de descoberta dos prazeres do corpo. Nos contos de Maranhão, especialmente no conto do *corpus* deste trabalho, verifica-se o interdito, a transgressão, a autoafirmação masculina, como aspectos do percurso erótico, guiados por uma linguagem coloquial muito próxima da realidade. “Cachorro Doido” é uma narrativa de iniciação sexual na qual não há lugar para o amor, mas simplesmente para o ato em si. Embora a aproximação entre os dois sujeitos se dê de forma casual, narrada sutilmente sem maiores complicações, é possível perceber que a mesma pode ser vista como um assédio sexual envolvendo dois adolescentes do sexo masculino. O texto contempla uma abordagem de cunho bibliográfico, partindo de uma leitura crítica da narrativa supracitada, aliada ao diálogo com autores que discutem o homoerotismo. Para concretizar essa pesquisa, faremos uso de um aporte teórico que contempla estudos de BATAILLE (1987), BRANCO (1987), DURIGAN(1986), FRANCONI (1997), PAZ (1994).

Palavras-chave:

Homoerotismo. Autoafirmação. Haroldo Maranhão.

1) Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA); Professora do Instituto Federal do Pará Campus Belém; nellihany@gmail.com.

Erotic literature in the Amazon: the marks of homoeroticism in the tale “Cachorro Doido”, by Haroldo Maranhão

Abstract:

The objective of this article is to discuss the short story “Cachorro Doido”, published in the work *Jogos Infantis* (1986) by the writer from Pará, Haroldo Maranhão, analyzing, in it, homoeroticism and male self-assertion. The work in question is misled by a title that is not childish at all, presented by an epigraph somewhat provocative, erotic, and that suggests and insinuates what will come in the pages that follow, pique the reader's curiosity. Composed of fifteen short stories that denote narratives of sexual initiation, the author did not skimp on the description of the scenes and the spicy behavior of his creatures, on the contrary, he used and abused words so that he could bring out the sexual behavior of his young characters (practically children), exposing moments of great intimacy and discovery of the pleasures of the body. In the stories from Maranhão, especially in the short story in the corpus of this work, the interdiction, transgression, male self-assertion are verified as aspects of the erotic journey, guided by a colloquial language very close to reality. “Cachorro Doido” is a narrative of sexual initiation in which there is no place for love, but simply for the act itself. Although the approximation between the two subjects takes place casually, subtly narrated without major complications, it is possible to see that it can be seen as sexual harassment involving two male adolescents. The text includes a bibliographical approach, starting from a critical reading of the aforementioned narrative, combined with a dialogue with authors who discuss homoeroticism. To carry out this research, we will make use of a theoretical framework that includes studies by BATAILLE (1987), BRANCO (1987), DURIGAN(1986), FRANCONI (1997), PAZ (1994).

Keywords:

Homoeroticism. Self-affirmation. Haroldo Maranhão.

1. Introdução

Haroldo Lima Maranhão nasceu em Belém, em 1927 e lá viveu até 1961, quando se mudou para o Rio de Janeiro, falecendo em 1998, na cidade de Petrópolis. Em meio a esse tempo, também viveu nas cidades de Juiz de Fora e Brasília.

Em seu percurso literário, passou pelos mais variados gêneros, como o conto, o romance, o diário e a novela. Também ingressou no mundo da literatura infanto-juvenil, publicou um dicionário sobre futebol e escreveu uma peça de teatro até hoje não publicada. Seu número total de obras gira em torno de vinte e cinco. Além disso, Haroldo Maranhão também recebeu importantes prêmios durante sua carreira como escritor, entre os quais destacamos o prêmio União Brasileira de Escritores (1981), Instituto Nacional do Livro (1981) e Guimarães Rosa (1980).

A obra de estreia do escritor foi o livro de contos *A estranha xícara* (1968). Anos depois, em 1982 surge seu primeiro e mais importante romance *O Tetranelo del-rei* (com o qual ganhou o prêmio Guimarães Rosa), e dez anos mais tarde é publicada uma de suas mais populares novelas, *Miguel Miguel* (1992), e que também foi seu último trabalho antes de morrer. Senhor de uma prosa de ficção que aborda temas como a saudade, as memórias da infância, o medo, a sedução, o erotismo, o fantástico, o contexto histórico de uma época, entre tantos outros, Haroldo Maranhão não poupava palavras quando tinha que fazer uma autoanálise de sua escrita, como deixa claro no trecho a seguir:

Sempre quis ser um escritor de ficção e me preparei a vida toda para ser um escritor de ficção. Comecei escrevendo muito mal. Escrevia textos de má qualidade e poemas idem. Jamais cogitei publicá-los em volume. E teria como

editá-los sem dificuldade. Eu morava no andar de cima do mais completo parque gráfico de Belém, que pertencia ao meu avô. Nem posso dizer que resisti à tentação porque nunca me passou pela cabeça publicar em livros minhas belíssimas porcarias. Só depois de quarenta anos de idade estreei em volume e desconfio que me precipitei [...] Saber escrever nada tem haver com a gramática. A questão não é colocar pronomes nos lugares supostamente próprios; é colocar as idéias num texto bem barbeado [...] Há que haver um toque leve, um clima de invenção e novidade... (MARANHÃO, 2002, p.8).

2. Sobre *Jogos Infantis* – um livro nada infantil

Um livro que se deixa enganar por um título que, a priori, não tem nada de erótico ou que possa escandalizar os leitores. Mas é certo que a medida que avançamos na leitura, também passamos a compreendê-lo melhor, visto que os tais “jogos” que acontecem com as personagens crianças de Maranhão, associadas à simbologia que envolve a cor vermelha (sexo, sangue, etc.), permite entender melhor a escolha feita pelo autor. No mais, uma epígrafe um tanto quanto provocante, erótica, cuja autoria é de Manuel Bandeira (1886-1968) – poeta que muito se dedicou a escrever poemas eróticos – sugere e insinua o que virá nas páginas a seguir, atizando a curiosidade do leitor: “Uma noite a menina me tirou da roda de coelho-sai, me levou, imperiosa e ofegante, para um desvão da casa de Dona Aninha Viegas, levantou a sainha e disse mete” (MARANHÃO, 1986, p. 6). Essas são as informações iniciais sobre *Jogos Infantis*, o último livro de contos publicado por Haroldo Maranhão. Composto por quinze contos que denotam narrativas de iniciação sexual, o autor não economizou na descrição das cenas e no comportamento picante de suas

criaturas, pelo contrário, usou e abusou das palavras para que pudesse trazer à tona o comportamento sexual de seus jovens personagens (praticamente crianças), expondo momentos de muita intimidade e de descoberta dos prazeres do corpo.

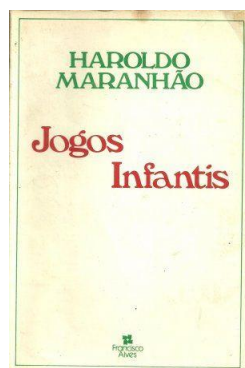


Figura 1: capa do livro, 1ª edição (1986).
Fonte: arquivo pessoal.

Um dos questionamentos iniciais que fizemos sobre a obra está relacionado ao título do livro. Quais motivos teriam levado Haroldo Maranhão a tal escolha? Após a leitura da mesma, encontramos algumas possibilidades de resposta. Uma seria o fato de apresentar personagens muito jovens (crianças) ainda em fase escolar e o fato de abordar descobertas sexuais dessa fase; outra hipótese é a maneira como essas descobertas assemelham-se com as brincadeiras típicas da infância, como é o caso do jogo “salada mista”; ou ainda, por apresentar muitas palavras que fazem parte do vocabulário infantil, atreladas ao uso de diminutivos (peitinho, cabelinho, nuinho, picolé, sorvete, bilu-bilu, laguinho...). Lembrando que são apenas possibilidades advindas de nossa leitura individual.

Detalhe importante é o narrador de cada conto. Ele é sempre o personagem principal que presentifica um passado e procura manter com o leitor uma relação de cumplicidade, principalmente porque conta sua história na primeira pessoa do singular, de acordo com o seu ponto de vista e com os fatos vivenciados outrora.

Um outro ponto muito pertinente, no livro, é o interdito, pois as descobertas sexuais dos personagens se dão com parceiros “convencionalmente” proibidos pela sociedade (uma prima, um amigo, a empregada, a professora, uma amiga mais velha da mãe...) e em momentos em que os mesmos estão sozinhos em casa, sem nenhum responsável por perto.

No mais, nada do que for dito aqui é capaz de mostrar a riqueza de temáticas e possibilidades que *Jogos Infantis* tem a oferecer ao leitor. Sua leitura é indispensável, necessária, pois somente através do contato direto com ela, poderemos, enfim, saciar a sede de nossa curiosidade e experimentar as sensações advindas de suas páginas.

3. O erotismo (ou não) de *Jogos Infantis*

Antes de iniciarmos a análise é importante salientar o que entendemos e conceituamos por erotismo. Sendo assim podemos começar ressaltando que:

As obras (literárias que), a partir do sexo, abordam outros motivos e, por fim, transcendem o caráter exclusivamente sexual são consideradas eróticas, literárias. Isso nos remete mais uma vez a Georges Bataille com sua definição da experiência erótica como transcendência da experiência sexual rudimentar, animal (BRANCO, 1985, p. 18)

Ou seja, o erotismo “deve ser compreendido, pois, como fenômeno cultural, impulso consciente em que nos lançamos na tentativa de transcender os limites da existência” (BRANCO, 1985, p. 17). Em outras palavras, o erotismo implica não só na questão da sexualidade, mas nas questões do ser e do social. Assim quando falamos do erótico estamos observando o homem

histórico, a sua inserção no social, as relações humanas.

Para Georges Bataille “o erotismo é a atividade sexual do homem, o é na medida em que ela difere da dos animais. A atividade sexual dos homens não é necessariamente erótica. Ela o é sempre que não for rudimentar, que não for simplesmente animal” (BATAILLE, 1987, p.20). Já na visão de Octávio Paz o erotismo

é uma poética corporal e a poesia é uma erótica verbal[...]O erotismo não é mera sexualidade animal: é cerimônia, representação, sexualidade transformada: metáfora[...]Sexo, erotismo e amor são aspectos do mesmo fenômeno, manifestações daquilo a que chamamos vida. [...]O mais antigo dos três, o amplo e básico, é o sexo. O sexo é o centro e o fulcro desta geometria passional[...]O erotismo é exclusivamente humano[...]O erotismo não imita a sexualidade, “é sua metáfora”. O texto erótico é a representação textual dessa metáfora[...]O erotismo é invenção, variação, incessante; o sexo é sempre o mesmo[...]Dupla face do erotismo: fascinação diante da vida e diante da morte[...] O erotismo é, antes de tudo e sobretudo, sede de ser outro. E o sobrenatural é radical e supremo ser-se outro (PAZ, 1994, p. 12-20).

Para Durigan (1986) no texto erótico o leitor apreende um conhecimento sobre o prazer, o que demonstra o texto erótico como uma representação de formas de prazeres e sensações. Por isso, entendemos o erotismo como sendo a busca psicológica da realização das fantasias, o que pode ser definido ainda como sexualidade transfigurada pelas imaginações e pelo desejo, sendo o impulso sexual uma tentativa de buscar a realização das fantasias psicológicas presentes nos desejos sexuais transfigurados pelas imaginações de uma personagem, ou de um eu-lírico.

4. Homoerotismo... Uma Face do desejo homoerótico

O uso do termo “homoerotismo” em nosso trabalho fundamenta-se no exposto a seguir por Jurandir Freire Costa, escritor responsável pela retomada desse termo em nossos dias:

Teoricamente, como procuro mostrar, homoerotismo é preferível à “homossexualidade” ou “homossexualismo” porque tais palavras remetem a quem as emprega ao vocabulário do século XIX, que deu origem à idéia do “homossexual”. Isto significa, em breves palavras, que toda vez que as empregamos, continuamos pensando, falando e agindo emocionalmente inspirados na crença de que existe uma sexualidade e um tipo humano “homossexuais”, independentes do hábito linguístico que os criou. Eiticamente, sugiro que persistir utilizando tais noções significa manter costumes morais prisioneiros do sistema de nomenclatura preconceituoso que qualifica certos sujeitos como moralmente inferiores pelo fato de apresentarem inclinações eróticas por outros do mesmo sexo biológico. Ora, com base em outras convicções, sustento que não temos nem motivos éticos nem teórico-científicos consistentes para defender a legitimidade dessas opiniões. Nesse tópico, advirto, além do mais, que a carga de preconceitos contida no uso de palavras como “homossexualismo” ou “homossexual” é autônoma em relação à intenção moral de quem as emprega. A questão, portanto, não é a de saber qual a crença moral que cada usuário destas noções possui, mas a de mostrar que consequências éticas elas acarretam ou que limites são impostos ao que podemos saber sobre o problema, quando nos limitamos a entendê-lo do modo convencional (COSTA, 1992, p. 11).

Como observamos, o homoerotismo surgiu no final do século XIX e início do século XX. Este termo foi usado pela primeira vez por Sandor Ferenczi psicanalista húngaro para discutir a homossexualidade evocando uma posição entre erotismo e sexualidade; o presente termo é preferível à “homossexualidade” ou a “homossexualismo”, pois acredita-se que estes remetem a um pensamento calcado em um sistema preconceituoso que se acha no direito e dever de considerar moralmente inferiores as pessoas que apresentam inclinações pelo mesmo sexo biológico.

Prefiro a noção de homoerotismo à de “homossexualismo” por três principais razões. A primeira é de ordem teórica. Diz respeito à maior clareza que proporciona o uso do primeiro termo e não dos termos convencionais de “homossexualismo” e “homossexualidade”. *Homoerotismo é uma noção mais flexível* e que descreve melhor a pluralidade das práticas ou desejos dos homens *same-sex oriented*. [...], interpretar a idéia de “homossexualidade” como uma essência, uma estrutura ou denominador sexual comum a todos os homens com tendências homoeróticas é incorrer num grande erro etnocêntrico. Penso que a noção de homoerotismo tem a vantagem de tentar afastar-se tanto quanto possível desse engano. Primeiro, porque exclui toda e qualquer alusão a doença, desvio, anormalidade, perversão etc., que acabaram por fazer parte do sentido da palavra “homossexual”. Segundo, porque nega a idéia de que existe algo como “uma substância homossexual” orgânica ou psíquica comum a todos os homens com tendências homoeróticas. Terceiro, enfim, porque *o termo não possui a forma substantiva que indica identidade*, como no caso do “homossexualismo” de onde derivou o substantivo “homossexual” (COSTA, 1992, p. 21-22).

Portanto, o desejo homoerótico é o “impulso” ou força de atração que faz com que um indivíduo de um sexo sinta a “necessidade” de unir-se a outro do mesmo sexo, podendo ser essa união apenas sexual, portanto, mais específica. Em contrapartida, temos a expressão “homoafetividade”, usada mais comumente para falar do afeto e do desejo erótico que existe nos mais variados tipos de relações, inclusive nas relações entre iguais. Nossa intenção é esclarecer a diferença entre esses termos, pois o que encontraremos no conto que é nosso objeto de análise – “Cachorro doido” – é uma relação homoerótica entre pessoas do mesmo sexo, na qual não existe lugar para a afetividade (amor), e até mesmo por se tratar de uma narrativa de iniciação sexual entre dois colegas de escola que acabaram de se conhecer, o amor é inexistente. O ato sexual em si é o que importa.

Diante do exposto, em “Cachorro Doido” o homoerotismo é configurado como uma relação entre “homens”, em que a masculinidade e não o afeminamento é a base sobre a qual se constrói o companheirismo que se estabelece entre os dois parceiros.

5. Sobre “Cachorro Doido”

À primeira vista, o conto de Haroldo Maranhão pode parecer chocante, afinal estamos diante de uma narrativa que pode ser vista como um assédio sexual envolvendo dois adolescentes do sexo masculino; porém, a forma sutil como tal aproximação é narrada nos faz desconstruir essa ideia inicial. O apelo erótico existente entre dois meninos é evidente, e vai tomando maiores proporções à medida em que a convivência é estabelecida.

Aos moldes de *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia, e “Frederico Paciência” (Contos Novos, 1947), de Mário de Andrade, “Cachorro doido” também traz um elemento

novo às narrativas homoeróticas produzidas anteriormente na literatura brasileira: as relações homoeróticas entre adolescentes, tendo como pano de fundo o ambiente escolar. Lugar destinado à educação dos jovens e que tem normas a seguir, a escola, normalmente, costuma ser o espaço ideal para as primeiras amizades, ou seja, um lugar muito propício para as descobertas sexuais. É nesse ambiente que os protagonistas Luizinho e Carlão vão se tornar “amigos”.

Logo no início da narrativa Carlão (que é personagem-narrador) comenta: “No primeiro dia de aula, a gente vê logo quem vai ser amigo da gente e quem não vai [...] basta só olhar as caras. Pois foi só bater o olho que vi que o Luizinho era um menino bom, e era” (MARANHÃO, 1986, p.15). Carlão, por intermédio do olhar, mede a empatia daqueles que julga estarem aptos ou não em estabelecer um vínculo de amizade, amizade esta que aqui pode ter um sentido ambíguo (amante). E assim escolheu Luizinho, pois o identificou como um bom menino, característica esta que é reforçada pelo narrador, e da forma como foi utilizada, reflete insinuações por parte dele: “[...] Luizinho era um menino bom, e era” (idem, grifo nosso).

Desde o primeiro dia de aula Luizinho é criticado por Carlão por causa da sua pouca virilidade. O primeiro encontro é marcado por uma conversa em que fica patente a importância que a imagem de virilidade e masculinidade do macho dominador tem para a sobrevivência no mundo competitivo e cruel da escola. Carlão, menino caracterizado por ser brigão, agressivo e cujo vocabulário é repleto de palavrões, reforça o estereótipo do masculino nas sociedades ocidentais.

Diante de tal conduta, Carlão tenta, insistentemente, auto afirmar sua masculinidade ao longo da narrativa. A pri-

meira atitude de Carlão é aconselhar que Luizinho adote o nome Luiz, pois o uso do diminutivo “marca” de forma negativa o “macho” que ele representa; ou ainda Luizão, mas acredita que este não condiz com a aparência do amigo, e acaba sugerindo, por fim, o apelido “Cachorro doido”, pois acredita que é um apelido que remete à medo:

[...] acaba com essa merda de Luizinho que tu fica marcado. É Luiz.[...] Esse troço de Luizinho tu deixa pra casa que aqui a turma é de morte[...] E se alguém te chamar de Luizinho, alguém que te conheça de fora, tu responde: “Luizinho é este aqui!” E agarra os co-lhões, que o sujeito vê logo que tu és de pouquíssima conversa[...] Luizão não combina com o teu corpo, que tu é magro pra caralho. [...] E cachorro doido hein? Putá merda, quem é que não tem medo de cachorro doido? Taí. Tou achando melhor [...] daqui a pouco esquecem essa porra de Luiz e só te chamam de “Cachorro doido” (MARANHÃO, 1986, p.16-17).

No discurso de Carlão fica evidente o quanto a virilidade masculina é importante desde a infância. A personalidade do personagem fica evidenciada nas passagens a seguir: “[...] podes deixar, que eu compro as tuas brigas. Sou muito bom de porrada [...] Se me chamam 'Carlos' me sinto fraco. Agora, se me chamam 'Carlão' o sangue ferve, me transformo num touro” (MARANHÃO, 1986, p.16).

O ato de nomear o outro não é uma simples brincadeira ou vaidade de Carlão, pelo contrário, é só mais uma maneira de afirmar a sua postura máscula, porque nomear algo ou alguém é dominar; está relacionado ao poder que o outro exerce sobre esse algo ou alguém. Sobre o ato de nomear, J.L. Austin (1976) explica que as posições de quem nomeia e do que é nome-

ado devem ser obedecidas, e essas posições revelam quem tem poder e autoridade para nomear e quem, ou o que, está subordinado a esse poder. Aliás, falando em poder, Rodolfo Franconi, em sua obra *Erotismo e Poder na Ficção Brasileira Contemporânea* (1997), discorre sobre a subordinação de Luizinho a Carlão na narrativa:

A forma de exercer o poder sobre o “outro” manifesta-se aqui, a princípio, através do discurso do poder em si mesmo: a força do nome, o protecionismo. No entanto, no decorrer do “encontro de reconhecimento”, Luizinho responde a essa força com um discurso que, decodificado pelo “Carlão” como erótico, transforma-se em poder *erotizado* (FRANCONI, 1997, p.126).

E Franconi acrescenta: “A trama oferece, com sua economia de situações, os ingredientes básicos que determinam a posição do dominador (C) e do dominado (R), e as decorrentes implicações sexuais determinadas pelo universo em que se inserem” (FRANCONI, 1997, p.87).

Quanto a Luizinho, ele é o seu oposto, delicado, ingênuo, tímido, medroso, que não sabe brigar, isto é, um perfil estereotipado da figura feminina e, portanto, teoricamente submisso:

Eu nunca briguei, afligiu-se Luizinho. Tenho medo que me provoquem, que não sei brigar, nunca briguei [...] só seus olhos mexiam-se, as mãos postas nas coxas, bem comportado no banco do recreio, conforme recomendava a professora... (MARANHÃO, 1986, p. 16-17).

É indiscutível o fato de que o primeiro encontro de Luizinho com Carlão o deixou desconcentrado, até mesmo encantado, pois ele percebeu que o novo amigo era diferente:

Luizinho não se concentrava na aula, estava ali mas não estava, ficou o tempo todo espiando o Carlão sentado mais à frente, o cabelo arrepiado, parece que não usava pente, a camisa desmazelada por fora da calça, o sapato sujo de lama e a cara de homem acostumado, no corpo de menino (MARANHÃO, 1986, p. 17).

A narrativa de Maranhão enfatiza outros aspectos que acabam por mostrar e estimular a reflexão sobre os comportamentos sexuais e de gênero, masculinidade/feminilidade, aceitos e não aceitos já a partir da infância masculina. Por causa dos seus modos delicados, o convite de Luizinho a Carlão para estudarem juntos em sua casa foi motivo para que este último entendesse que se tratava de um convite repleto de segundas intenções, na verdade, intenções sexuais:

[...] ô-lá-lá, caiu de pára-quadras no meu quintal um bom dum fresco. Tá na cara. Vou comer hoje o “Cachorro doido”. Só mesmo na minha cabeça que iam acreditar que o mimoso é cachorro doido, que quem nasce para Luizinho morre Luizinho” (MARANHÃO, 1986: 18).

Entre outras coisas, a fala de Carlão deixa transparecer seu comportamento preconceituoso ao jeito de ser do colega, reforçado pelo uso da palavra “fresco”, uma forma depreciativa de se referir ao sujeito homoerótico, e diga-se de passagem, uma fala um tanto quanto ultrapassada, já que na mesma encontra-se inserida uma perspectiva determinista.

Durante o estudo a dois, Carlão assedia sexualmente Luizinho, que acaba cedendo aos seus desejos homoeróticos. Carlão, sempre com sua postura de dominação, provoca Luizinho, induzindo-o a tocar no seu órgão genital, que costuma chamar de

‘menino’. No momento do toque, o narrador é enfático ao mencionar o tamanho do ‘menino’ (reforçando o aumento da sua masculinidade) que, delicadamente, será tocado por Luizinho:

Não sei o que me dá, que o menino aqui fica logo no ponto. Olha só, é o calor! Ele vai crescendo, crescendo, que fica inchado e quente. Quer ver? Pega. Pega pra tu ver como é que está uma pedra [...] Pega. Segura pra ver como parece aço, só parece, que aço é frio e o menino tá fervendo. Delicadamente, Luizinho segurou.[...] Tira a roupa, tira. Tu tem um corpinho fino, macio, carninha de menina, sabe? Tá gostando? – Tou. Me responde uma coisa: Tu já fez com alguém? – Não, não, nenhuma vez. Com ninguém. Eu juro pelo que há de mais sagrado (MARANHÃO, 1986, p.18).

O ato sexual em si pode ser considerado o primeiro campo no qual a dominação masculina se materializa. De acordo com Bourdieu (2002), a relação sexual se configura numa relação social de dominação, construída sobre a ostensiva divisão entre os papéis ativo *versus* passivo. Na relação homossexual, a dominação masculina tem esse caráter a mais, pois um dos parceiros feminiza o outro. É minimamente aceitável uma relação homoerótica desde que se mantenha o poder da masculinidade. Por isso, o *status* de inferioridade potencializado é atribuído ao passivo, identificado com o feminino. Ou seja, o homem que assume o papel ativo numa relação homossexual não necessariamente abre mão de sua masculinidade:

Luizinho jura “pelo que há de mais sagrado” que nunca havia feito isso com alguém; todavia, esse juramento não parece selar qualquer vínculo: o que se depreende é que o “fraco” não mais receberá nem a proteção nem a força de Carlos. Ao contrário, será usado (FRANCONI, 1997, p. 90).

Franconi finaliza seu estudo sobre o conto de Haroldo Maranhão afirmando: Desse modo, em “Cachorro Doido” assistimos, já no florescer da sexualidade, a estereotipia do homossexualismo na nossa sociedade: o “ativo”, macho e ileso, e o “passivo”, feminino e marcado. Nas palavras – e que poder de sugestão têm elas para o “Carlão” –, esse púbere retentor potencial do machismo já se precatou: “corpinho fino, macio, carninha de menina”. O vencedor está garantido e salvaguarda sua masculinidade: não é a um homem, seu igual, que, na casa grande e silenciosa, ele está seduzindo (ou, muito menos ainda, deixando-se seduzir...), mas, sim, a um “corpinho de menina” (FRANCONI, 1997, p. 90).

6. Considerações finais

Este artigo teve como objetivo discutir o conto “Cachorro Doido”, publicado na obra *Jogos Infantis* (1986) do escritor paraense Haroldo Maranhão, analisando, nele, o homoerotismo e a autoafirmação masculina. Fizemos uma breve apresentação do autor e do livro acima referido, no intuito de situar o leitor sobre informações iniciais da vida e da obra de Maranhão.

Expomos, ainda, algumas definições sobre o termo homoerotismo, baseado nos estudos de Jurandir Freire Costa, mostrando que esta se diferencia do termo homoafetividade. Apresentamos informações sobre a relação erotismo x poder, de acordo com apontamentos de Rodolfo Franconi.

Ao observarmos as atitudes de Carlão (personagem-narrador) e Luizinho (antagonista), percebemos que fica evidente o lugar que cada um ocupa na narrativa: o primeiro é o dominador/ativo, enquanto o segundo, o dominado/passivo. Carlão é aquele que assume a dominação da cultura masculina, marcada pela virilidade, aquele

que tem o poder sobre o outro, começando pelo poder de nomear. Carlão é o mais forte, o mais inteligente, o mais corajoso, o melhor. O “macho” que tem sua sexualidade reprimida.

Referências

AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. 2. ed. Oxford: Oxford University, 1976.

BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina* [e-book]. 2. ed. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

Disponível em: <http://www.sertao.ufg.br/uploads/16/original_BOURDIEU_Pierre_A_domin%C3%A7%C3%A3o_masculina.pdf?1332946646. ISBN 85-286-0705-4>. Acesso em: 24 maio 2021.

BRANCO, Lucia Castello. *Eros travestido: um estudo do erotismo no realismo burguês*. Belo Horizonte: UFMG, 1985.

COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

FRANCONI, Rodolfo A. *Erotismo e Poder na Ficção Brasileira Contemporânea*. São Paulo: Annablume, 1997.

MARANHÃO, Haroldo. *Jogos Infantis*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

PAZ, Octávio. *A Dupla Chama: Amor e Erotismo*. São Paulo: Siciliano, 1994.